

36 - CARLOS D'ALGE

CADEIRA Nº 36
PATRONO: SENADOR POMPEU

CARLOS D'ALGE

CARLOS Neves d'ALGE, filho de Júlio César d' Alge e de Áurea Morais Neves d'Alge, nasceu no dia 24 de julho de 1930 em Chaves, Portugal, mas cedo se transferiu para o Brasil, sendo brasileiro por opção, e radicado no Ceará desde 1958, depois de haver residido no Pará. Depois do curso primário, em escola particular, fez o curso ginasial no Colégio Nossa Senhora de Nazaré, em Belém, vindo fazer o curso científico no Colégio Cearense do Sagrado Coração, em Fortaleza, ao mesmo tempo que fazia o Curso de Contabilidade na Escola de Comércio Padre Champagnat. Licenciou-se em Letras Neolatinas pela Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, em 1954; bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito da UFC, quatro anos depois, concluindo em 1966 o Curso de Educação pela mesma Universidade. Tem Curso de Administração Universitária feito na Universidade de Houston, Texas, nos Estados Unidos da América (1969). Livre-Docente em Literatura Portuguesa pela UFC (1978). Professor Titular de Literatura Portuguesa do Departamento de Literatura do Centro de Humanidades da UFC, foi durante vários anos Diretor da Casa de Cultura Portuguesa, tendo exercido ainda os cargos de Chefe de Gabinete da Reitoria e Pró-Reitor de Extensão da UFC. Foi professor da Universidade de Fortaleza, UNIFOR, de cujo projeto foi co-autor. Membro da Academia Cearense da Língua Portuguesa, da qual foi Presidente, e membro fundador da Associação Internacional de Lusitanistas. Por duas vezes foi professor-visitante na Universidade de Colônia, Alemanha. Jornalista, é membro do Conselho Editorial do jornal ***O Povo.*** *Entre as condecorações que possui, destaca-se a da Ordem da Instrução Pública de Portugal, no grau de Comendador, conferido pelo Presidente da República Portuguesa em 1991. Obras publicadas:* ***Língua e Composição*** *(1968), em colaboração com Luiz Tavares Júnior e José Alves Fernandes;* ***Terra do Mar Grande*** *(1970),*

ensaio sobre cultura portuguesa; ***As Relações Brasileiras de Almeida Garrett*** *(1979), ensaio:* ***Sintaxe do Compromisso*** *(1980), poesia;* ***O Exílio Imaginário*** *(1983), ensaios de literatura;* ***A Experiência Futurista e a Geração de Orfeu*** *(1989),* ***O Território da Palavra*** *(1991), que o autor subintitulou de Memória & Literatura; e* ***A Mulher de Passagem*** *(1993), ficção. Figura, com o ensaio "O Mito do Paraíso Terrestre em Camões e Dante", na obra coletiva* ***Temas Portugueses e Brasileiros*** *(1992), organizada por Luiz Forjaz Trigueiros e Lélia Parreira Duarte, editada em Lisboa pelo Ministério da Educação, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. São inúmeros os trabalhos seus estampados em periódicos nacionais e estrangeiros, mas podemos citar "Aspectos da Moderna Literatura Portuguesa", em* ***Clã*** *nº 20 (1964), "Três Poetas do Ceará", na revista* ***Ocidente,*** *de Lisboa, v. 72 (1967), "Uma Nova Interpretação de Eça de Queirós", em* ***Clã*** *nº 28 (1982), "A Diáspora no Oriente: Regresso e Permanência", na* ***Revista da Academia Cearense de Letras*** *nº 48 (1989-90), etc. Tratando d'* ***O Exílio Imaginário,*** *Jacinto do Prado Coelho, após afirmar que Carlos d'Alge se sente atraído por clássicos e modernos, pelas literaturas de língua portuguesa (portuguesa, brasileira e africana) e pela literatura comparada, observa que ele "vinca assiduamente a sua presença nos meios de comunicação social, atento às realações entre literatura e jornalismo, e, utilizando embora uma linguagem acessível, sem o tecnicismo e o* ***jargon*** *em voga, mantém-se universitário pelo* ***scholarship*** *que nunca dispensa uma informação adequada e um espírito de rigor".*

PROJETO E DENÚNCIA NO *KOMURAHY*, "HISTÓRIA BRASILEIRA"

De onde proviria o indianismo de Garrett? Para Ofélia Paiva Monteiro, no seu exemplar estudo sobre a formação do poeta, além da leitura dos textos literários do século anterior, comentados no *Bosquejo,* junta-se a influência de outro livro de Ferdinand Denis, aparecido em 1824, em Paris, as *Scènes de la nature sous les tropiques, et de leur influence sur la poésie; suivies de Camoens et José Indio.* Ao contrário de Bouterwek e Sismondi, bem como de Garrett, que escreveram sobre autores brasileiros sem conhecer o Brasil, Ferdinand Denis, observa Guilhermino César, tradutor do *Résumé,* antes de escrever sobre os poetas brasileiros "veio devassar a terra com seus próprios olhos. Por três anos (1816-1819) percorreu parte do país, demorando-se principalmente na Bahia, onde enriqueceu sua experiência de rapaz. Conviveu com a mocidade baiana. Amou. Sofreu na solidão o desamparo do emigrado. Estudou. Observou. De modo especial, apreciou a natureza exuberante, os costumes estranhos, aprendendo a tolerar a rudeza do clima, o primitivismo e o agreste das coisas. Para empregarmos a terminologia de Araripe Júnior, foi o primeiro historiador 'obnubilado' da literatura brasileira."

Com efeito, as *Scènes de la nature* propunham-se, a partir de dados brasileiros, mostrar os efeitos da natureza sobre a imaginação dos homens dos países quentes, revelando ao Europeu o partido poético que poderia retirar de cenas tão mal conhecidas. Denis incluiu no volume observações feitas a algumas tribos indígenas. Os capítulos XVIII e XIX são dedicados aos Machakalis, tribo a que pertencia um certo Koumourahy, fonte, conclui Ofélia Paiva Monteiro, da "história brasileira" de Garrett. 1

O episódio dos Machakalis e a história do índio Koumourahy são considerados precursores do indianismo romântico brasileiro, para Léon Bourdon, citado por Guilhermino César na introdução ao *Résumé.* Veja-se a citação tirada da revista *Brasília,* vol. X:

> Il n'en demeure pas moins que les Machakalis, achevés 1823, constituent la première oeuvre romantique reposant sur un thème indianiste, et que F. Denis, à qui, le 5 août 1876, lors

de son passage à Paris quelque mois avant sa mort, Alencar dédicaçait un exemplaire d'Ubirajara, peut bien être considéré comme un precurseur dans ce domaine. 2

José Osório de Oliveira, que publicou o fragmento, até então inédito, não atinou com a influência de Ferdinand Denis, na "história brasileira" de Garrett. Julgou que o indianismo do autor provinha da leitura, exclusivamente, do *Caramuru* e do *Uraguai*. À influência de Denis, poderíamos juntar, tendo como data da elaboração do *Komurahy*, o possível ano de 1833, o convívio com os estudantes brasileiros em Paris, notadamente com Porto Alegre, que certamente transmitiram a Garrett detalhes sobre a natureza brasileira. Acrescente-se também a ideologia de Garrett, contrária ao despotismo, à servidão do índio, aos prejuízos causados pela colonização, e à cobiça imperialista, que ele entrevê, por mais de uma vez, quer no poema *O Brasil Liberto*, quer no artigo *Da Europa e da América*, publicado n'*O Popular*, em que, violentamente, clama contra o feudalismo insaciável da opressão.

Não concluiu Garrett a sua "história brasileira". O fragmento do Komurahy ficou escondido entre seus papéis até no-lo ser revelado em 1956. De que trata o *Komurahy* garrettiano? A história do *Koumourahy* de Ferdinand Denis tem o entrecho definido. Vejamo-lo. Koumourahy, líder da sua tribo, foi educado na religião cristã pelo chefe português do aldeamento indígena, já falecido. Apaixona-se por Helena, filha do novo capitão português, ambicioso e perverso. Correspondido na sua afeição, o índio consegue obter do capitão a promessa de um futuro casamento, comprometendo-se a buscar ouro em terras selvagens. Consegue através de terríveis aventuras o metal cobiçado. É enganado, porém, pelo astuto capitão, que conduz Helena para local onde Koumourahy não possa vê-la. Durante o percurso, os índios Machakalis, comandados por Kéroé, raptam Helena e a levam até o seu líder.

---

1. MONTEIRO, opus cit., p. 317-18.
2. Guilhermino César transcreve a citação de Leon Bourdon em Nota a tradução do Resumé, de Ferdinand Denis. Veja-se a introdução sob o título *A Primeira História Literária do Brasil e Seu Autor* em RESUMO DA HISTÓRIA DO BRASIL Livraria Lima Ltda., Porto Alegre, 1968. Págs. 9/21.

Embora sós, Koumourahy respeita a virgindade de Helena reconduzindo-a à casa no dia seguinte. Inflexível o capitão não atende aos rogos de Helena que pede permissão para casar-se com o seu índio. Koumourahy volta à sua tribo. Para consolo só lhe resta uma carta de Helena. Ofélia Paiva Monteiro ao evocar este episódio junta-lhe o par amoroso de *O Guarani.* Não seria interessante rastrear a influência do episódio no romance de Alencar?

Voltemos ao *Komurahy* garrettiano. A história, como foi dito, ficou incompleta. Em outubro de 1833 Garrett retornava a Lisboa, deixando o exílio parisiense. Restabelecido o governo legítimo na capital do reino, terminariam os ódios e inimizades, nascidos no desterro ou no Porto. Terminariam? Houve uma trégua, contudo, que permitiu a Garrett reorganizar a sua vida. Em paz com os políticos e vendo triunfar a causa da liberdade, não havia por que continuar em Paris. Interrompe as atividades literárias para dar lugar a novas e urgentes tarefas revolucionárias. Já anatematizara demasiadamente o governo, já lutara em prol da liberdade e contra todas as formas de obscurantismo. Não adiantava prosseguir na contestação dos malefícios da colonização. Novas missões lhe estavam reservadas na reforma das instituições. A saga do índio *Komurahy* ficaria para depois. Renasceria, muito mais tarde, em *Helena,* romance que, se terminado, poderia levar adiante o projeto mal esboçado no exilio.

Vejamos o fragmento, como foi publicado por José Osório. São dezesseis páginas manuscritas. Até a página treze temos, propriamente, uma introdução à história, que se inicia a partir dessa página, quando o autor nos apresenta um homem de vestido negro e talar que é o Padre Inácio. Desde as primeiras páginas estabelece-se uma tensão entre o índio e o dominador europeu. Entre a natureza, a que corresponderia a virtude, em oposição à hipocrisia, a que equivaleria a civilização:

> Ah! que amarga deve ser a reflexão do índio quando extasiado de contemplação das belezas de seu país a presença do europeu e de suas obras lhe recorda sua escravidão e lhe lembra que hoje é estrangeiro e servo onde foi senhor e natural! Todavia o índio singelo não fugia ao princípio do europeu traidor. Como amigos e irmãos foram tratados os primeiros portugueses. Quantas cruezas, quantos crimes e perfidias não foram mister para desinganar (sic)

> aqueles inocentes da maldade dos hóspedes! As mulheres sobretudo, ou porque lhes adivinhasse seu instinto o império que dá civilização a seu sexo, ou porque naturalmente apaixonadas da glória se deixassem seduzir desse poderio que nós parecemos ter sobre seus compatriotas, muitas renderam seus corações ao vencedor, e o salvaram de perecer da escravidão, e mais amiúde ainda levadas de seu apaixonado amor, desdenharam a própria existência. A bela Moema cujos acerbos lamentos repetem ainda os ecos do Recôncavo(,) nem foi o único nem o derradeiro exemplo desse fatal amor. 3

O episódio da infeliz Moema, colhido do *Caramuru*, de Durão, aí é registrado. A história dos povos colonizados é lembrada para efeito didático. O poeta já a havia denunciado em *O Brasil Liberto* e na prosa doutrinária do exílio. A página seis descreve a zona do Recôncavo, cujo cenárlo recordará dez anos mais tarde em *Helena.* O confinamento nas aldeias dirigidas por chefes portugueses, os maus tratos sofridos pelos índios, de brancos e de negros, são vistos por Garrett como contradição entre as promessas dos Europeus e a missão evangelizadora do Cristianismo.

> Aquém e além se descobrem essas miseráveis aldeias de índios ditos civilizados, melhor dissera encurralados como o touro da floresta para divertimento bárbaro de um povo feroz, e em verdade mais cruel e verdadeiramente antropófago(.) por assentimento e com perfídia(,) o é. E com efeito perguntará com mágoa o vajante que discorrer por esses países, que hão lucrado esses malfadados índios em desertar das tribos dos seus pais? que vantagens(,) que luzes lhes deram os europeus a troco do feliz em que viviam? Arrebanhados em tristes aldeias, menoscabados por brancos, e até pelos africanos, atormentados por novas precisões que não podem satisfazer nem depois de muitos anos da alcunhada civilização entram na população do Brasil, mas insensivelmente se murcham, desaparecem, sem se poder atinar (dizem os opressores) com a verdadeira causa do aniquilamento de um povo inteiro.

---

3. GARRETT, Almeida *Komurahy*; história brasileira. *Revista do Livro*. Rio de Janeiro, 1 (1-2),1956.

A exaltação e a defesa do índio não se fazem em Garrett à maneira de Rousseau. Ao denunciar a injustiça social, exalta, simultaneamente, a causa da liberdade.

Possivelmente, Garrett lera os *Essais* de Montaigne, e conhecera as idéias do notável filósofo acerca dos selvagens. Para o mestre francês, errada era a pretensão do europeu em julgar bárbaros os silvícolas. Bárbaros seriam os povos a quem o europeu alterou os processos de cultura e cujo desenvolvimento natural modificou.

Os silvícolas que visitaram a França e tiveram contato com o filósofo conheceram os procedimentos da gente civilizada. O rei entreteve-se com eles. Uma das suas observações, anotada, entre outras, por Montaigne, vale a pena transcrever:

> Observaram que há entre nós gente bem alimentada, gozando as comodidades da vida, enquanto metades de homens emagrecidos, esfaimados, miseráveis mendigam às portas dos outros (em sua linguagem metafórica a tais infelizes chamam "metades"); e acham extraordinário que essas metades de homens suportem tanta injustiça sem se revoltarem e incendiarem as casas dos demais. 4

Voltemos à narrativa de Garrett que, agora, dá lugar a amplas pinceladas em que a natureza é vista soberbamente. Descrevem-se plantações, onde sobressaem as bananeiras, os mamoeiros, as laranjeiras e as pitangueiras. A bananeira é vista como "a mais abençoada árvore que germinou na terra". A pitangueira será evocada também em Helena. Os pássaros, os papagaios e os macacos, completam a cena. Por fim, à página doze, temos a descrição da aldeia. O Padre Inácio surge em seguida. Ele próprio filho de pais indígenas, educado em Salvador, para o sacerdócio, paroquiava agora a Igreja de Itanhém. Melancólico e triste, mudo e impassível, o Padre Inácio, tirado o tempo que dedicava às suas funções sacerdotais, passava o resto do dia em atividade, recostado à sombra de uma árvore.

---

4. MONTAIGNE Michel de. Dos canibais. In: — — —. *Ensaios*. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo, Abril Cultural, 1972. p. 104-10 (Col. Os Pensadores) .

> Tinha sido criado com europeus e entre eles, todavia estremecia de os ver, e uma espécie de terror e despelto que ligeiramente lhe passava pelo rosto era a única expressão que a perpétua impassibilidade lhe alterava.

A história mal se delineia e chegamos ao final. Que papel estaria reservado ao Padre Inácio, no qual vislumbramos uma força de oposição ao colonizador? Ao contemplar a natureza que o envolve, sentado no adro da sua igreja, ouve um sussurro que vem do rio. O som das flechas que retinam nas aljavas, tiram-no da abstração. São os seus irmãos que vêm ao povoado. As tribos que se conservam indomadas, que não se sujeitaram à escravidão, e que vêm comandadas por "um mancebo de nobre figura, e altivo parecer" e que "marchava adiante de todos". Um jovem cujos "olhos chamejantes o. . . " Não prosseguia Garrett, os ventos da liberdade sopravam favoravelmente, urgia voltar a Lisboa e lançar-se a novos empreendimentos.

De *As Relações Brasileiras de Almeida Garrett* (1980).